

## **Aventura e percepção: contribuições para o processo de ensino-aprendizagem**

Ana Cristina Zimmermann\*

### **Resumo**

Este estudo objetivou encaminhar reflexões para o processo de ensino-aprendizagem em Educação Física utilizando o referencial teórico da Fenomenologia da Percepção. O texto foi elaborado a partir de alguns resultados de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, cujo objetivo era conhecer e analisar os elementos teórico-práticos envolvidos em atividades físicas de aventura na natureza (AFAN). O universo de pesquisa constituiu-se de praticantes de atividades físicas de aventura na natureza na Ilha de Santa Catarina. As reflexões foram elaboradas a partir de relatos de praticantes destas atividades, obtidos mediante entrevista. Apresenta-se uma relação entre a experiência do conhecimento, corpo e movimento, enfatizando aspectos sobre a liberdade, associados à idéia de técnica e arte. Os resultados das análises sustentam as seguintes propostas: recuperar o espaço da experiência como primordial na constituição do conhecimento e reconhecer o potencial criador como elemento fundamental na aprendizagem. A conclusão destaca o potencial da Educação Física escolar em construir experiências que revelem o poder expressivo do corpo próprio.

**Palavras-chave:** Aventura. Percepção. Conhecimento.

## **Adventure and perception: contributions for the teaching-learning process**

### **Abstract**

This study aimed to direct reflections for the process of teach-learning in Physical Education based on the theoretical referencial of the Phenomenology of the Perception. The text was elaborated from some results of a qualitative research, of exploratory character, whose objective was to know and analyze the theoretician-practical elements involved in adventure physical activities in the nature (AFAN). The research universe consisted by practitioners of adventure physical activities in the nature in the Island of Santa Catarina. The reflections had been elaborated from talks of the practitioners of these activities, gotten by means of interview. A relation between the experience of the knowledge, body and movement is presented, emphasizing aspects about the freedom associated to the technique and art idea. The results of the analyses support the following proposals: to recover the space of the experience as primordial in the constitution of the knowledge and to recognize the creative potential as a fundamental element in learning. The conclusion detaches the potential of the school Physical Education in constructing experiences that disclose the expressive power of the proper body.

**Keywords:** Adventure. Perception. Knowledge.

\* Profa. Universidade Tuiuti do Paraná - Bom Jesus/IELUSC. Doutoranda em Educação/UFSC.

## Introdução

O objetivo deste estudo é encaminhar reflexões para o processo de ensino-aprendizagem em Educação Física, embora o caminho percorrido inicialmente possa causar estranhamento. Dentre as tendências em destaque na área da atividade física, acompanha-se, nas últimas décadas, a crescente busca por atividades realizadas em ambientes naturais, temática já freqüente entre os estudos na Educação Física. A proposta desta pesquisa, entretanto, ultrapassa o estudo particular de algumas atividades e amplia-se no leque de conhecimentos que delas podem surgir. O texto foi elaborado a partir de alguns resultados de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, cujo objetivo era conhecer e analisar os elementos teórico-práticos envolvidos em atividades físicas de aventura na natureza (AFAN). Conforme Minayo (1995) a “realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante” (p.15), e são os métodos qualitativos que consideram as concepções de processo e movimento, caracterizados então como não lineares e mais flexíveis (PATRÍCIO, 1999). O universo de pesquisa constituiu-se de praticantes de atividades físicas de aventura na natureza.. Na coleta de dados, entre outros procedimentos, foram obtidos relatos de praticantes de caminhada em trilhas, windsurf, surfe, escalada, cavalgada, mountain bike, mergulho, sandboard, parapente e canoagem, mediante entrevista. Na elaboração do projeto de pesquisa era impossível determinar o rumo que o estudo iria tomar a partir da contribuição dos praticantes, pois o objetivo em buscá-la era justamente ver o que estas pessoas poderiam dizer que estivesse além da literatura disponível nesta área. Neste sentido, concordo com Cruz Neto (1995): “*o que atrai na produção do conhecimento é a existência do desconhecido, é o sentido da novidade e o confronto com o que nos é estranho*” (p. 64). Os relatos encaminharam a análise para o estudo da percepção, para o “como” o homem experiencia o mundo. Percebi, durante a análise dos dados, que as entrevistas falam sobre as atividades de aventura, sobre os praticantes, sobre significados, mas também indicam pistas de como os seres humanos se relacionam com o mundo e assim o constroem. Utilizando como referencial teórico a reflexão filosófica sustentada na Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty<sup>1</sup> suspeito que algumas categorias analisadas podem auxiliar na formulação de pressupostos para a intervenção pedagógica da Educação Física. Tentarei no decorrer do texto encaminhar reflexões, considerando as seguintes propostas: recuperar o espaço da experiência como primordial na constituição do conhecimento e reconhecer o potencial criador como elemento fundamental na aprendizagem. A reflexão teórica estará acompanhada, ou ilustrada, por alguns relatos recolhidos nas entrevistas.

### A experiência do conhecimento

*“O corpo é nosso meio geral de ter um mundo. [...] A experiência do corpo nos faz reconhecer uma imposição do sentido que não é a de uma consciência constituinte*

## Aventura e percepção: contribuições para o processo de ensino-aprendizagem

*universal, um sentido que é aderente a certos conteúdos*  
(MERLEAU-PONTY, 1994, p. 203).

O fato de estarmos estabelecendo um contato, mediado por estas palavras, pressupõe que esta simbologia, a palavra que ora emprego, esteja preestabelecida. Ou melhor, é porque dispomos de um patrimônio comum de palavras que o que eu escrevo pode ser entendido por quem lê. Esta habilidade compartilhada permite, entre outras coisas, que se faça história; que idéias resistam ao tempo, permaneçam co-presentes e possam ser recuperadas a qualquer momento, resumidas, transformadas - ou seja, que façam parte de um horizonte de possibilidades de expressão simbólica.

A ciência, por exemplo, desenvolveu-se desta maneira: acumulando, transformando e criando conceitos. Tal foi o sucesso deste empreendimento que, na maioria das vezes, confiamos cegamente nos seus ditames. Falar em “confiar cegamente” significa negar-se a experiência direta, ou, talvez, desdenhar da própria percepção. Esta é uma questão essencial na Educação Física por tratar essencialmente das aprendizagens associadas ao movimento e à corporeidade, entretanto não menos importante para todas as áreas do conhecimento.

Ilustrando esta questão, reporto-me a algumas entrevistas onde ficou claro que as práticas, em determinados contextos, divergem do lema *esporte é saúde*. Por exemplo, no depoimento de um praticante de mountain bike, consta a seguinte citação: “*Quando você começa a buscar uma performance, um nível de competição, aí você começa a ter dor nas costas, não sei mais o que...*”. Mesmo ao nos depararmos com manifestações como essa em que fica evidente que atividade física e saúde não configuram uma relação direta e linear (relatos como este não apresentam novidade alguma para quem acompanha o cotidiano das atividades físicas), a força do discurso “esporte é saúde”, fundado em pressupostos científicos, mantém certa supremacia, de forma a sustentar-se sem ressalvas no senso-comum.

Não estou questionando o valor dos estudos na área de atividade física e saúde. Penso, sim, na rapidez com que muitas proposições adquirem o caráter de lei e, principalmente, pelo fanatismo<sup>2</sup> constatado em alguns casos, em qualquer área de estudo. O selo de garantia da ciência é frequentemente superior ao que se pode constatar através da experiência (que é sempre corporal), ou mesmo da reflexão individual. É preciso que um discurso, uma tabela, um cronômetro, ou outro instrumento qualquer nos dêem estas informações.<sup>3</sup> É fácil então esquecer que o principal ponto de referência de nosso estar no mundo somos nós mesmos. Perdemos, assim, a capacidade de perceber as relações que estabelecemos com o meio, onde somos corpo e também meio.

Talvez, quando falamos ou ouvimos que se deve estar sempre alerta e desconfiar dos conhecimentos, significa - antes da possibilidade de estarmos

sendo enganados por algum equívoco, alguma vigarice ou má fé - lembrar que os conhecimentos estão fundados na experiência<sup>4</sup>. Cada palavra, ou símbolo, diz respeito a algo vivido, sentido e, portanto, os conhecimentos não são independentes. No mundo da vida somos pragmáticos. O mundo não é algo exterior a nossa vida; está integrado a nossa existência pragmática. Nós somos este movimento de constante transformação, uma constante criação, a qual é exigida na experiência do mundo. Nas relações estabelecidas, a cada momento construímos um mundo novo, anterior a qualquer conceito.

Conhecer um determinado objeto é o que podemos *ver* sob diversos ângulos, sob diversas formas, em relação a todo o ambiente. Estes dados permanecem retidos no corpo. É com o corpo que vivemos o mundo. O que conhecemos de uma árvore é a experiência que temos: é já ter visto uma árvore sob diversos ângulos e em diversos ambientes; é já ter sentido o cheiro, já ter tocado em uma árvore. Assim, uma árvore, por exemplo, é o conjunto de todas estas experiências retidas no corpo, não como a soma destes predicados, mas como um todo de onde as qualidades podem ser destacadas. A árvore é um todo significativo para meu corpo, e, sendo sempre uma árvore, em cada circunstância assume uma nova atualidade. Isso é possível por que o corpo tem a capacidade de estabelecer relações e fluir no espaço, de assumir novas atualidades. Ser corpo “*é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço*” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 205). Assim, o outro e as coisas revelam-se como significações; tal domínio que o pensamento acaba encobrindo.

“*Nosso corpo não é objeto para um “eu penso”: ele é um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio*” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 212). Tão evidente é esta relação entre nosso corpo e o mundo que, embora conhecimentos da ciência nos façam crer em cinco órgãos do sentido, estruturados através de um sistema de recepção de estímulos, freqüentemente nos “traímos” com expressões tais como: “veja só esta música!”, “olha o cheiro bom desta comida!”, ou, ainda, nos apressamos a *tocar* determinado objeto para “vê-lo” com as mãos. Ora, obviamente estes não seriam erros grosseiros de semântica, mas o reconhecimento da experiência e, a partir dela, o conhecimento como um todo corporal. Da mesma forma, quando alguém se machuca, o melhor consolo parece vir daquele que já passou por situação semelhante, porque ele “sabe” do que se trata. E é por isso que os praticantes de AFAN, em muitas entrevistas, convidam o interlocutor para a mesma experiência, por não conseguirem descrever suas atividades objetivamente.

É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo ‘coisas’. [...] A gesticulação verbal, [...], visa uma paisagem mental que em primeiro lugar não está dada a todos e que ela tem por função justamente comunicar. Mas aqui, o que a natureza não dá a cultura o fornece (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 253).

### Aventura e percepção: contribuições para o processo de ensino-aprendizagem

Mas qual é a relação entre este corpo descobridor de mundo, fundante de sentido e este estudo? Percebi, no decorrer da pesquisa, que o tema proposto oferecia mais do que o esperado. A prática de atividades físicas de aventura na natureza, elemento desta pesquisa, pode mostrar um mundo ainda encantado<sup>5</sup>, pode trazer novidades, surpresas. As falas, ou seja, a análise das entrevistas realizadas com os praticantes destas atividades, contam muito sobre as atividades, mas também se mostram em função do sujeito e assim falam de um mundo de intersubjetividades. As atividades são descritas a partir de um sujeito corporal, este é o ponto de referência. Assim, pesquisando as atividades físicas de aventura na natureza, estava pesquisando também sobre como nós, humanos, nos relacionamos com o mundo, e assim nos fazemos mundo.<sup>6</sup>

Nas entrevistas realizadas, ao serem perguntados sobre os conhecimentos necessários para a prática de atividades de aventura, muitos praticantes referiam-se apenas à necessidade de vontade. Como assim, “basta ter vontade e encarar”? Os praticantes não estão, neste momento, desprezando todas as aprendizagens anteriores associadas ao movimento, mas sim reconhecendo que o mais importante em muitos casos é predispor-se à aprendizagem. A atividade requisita a liberdade do praticante na construção de um novo conhecimento, construção que não despreza a cultura, mas cria algo a partir dela. De qualquer forma, não será necessário nenhum tipo de preparação para enfrentar estas aventuras? Aparece, então, em algumas falas a importância do conhecimento técnico, do manuseio do equipamento, assim como o conhecimento do clima, do espaço e do próprio corpo.

Assim, por exemplo, para o mergulho e o parapente é importante a freqüência em cursos e isto significa contar com a experiência acumulada por outras pessoas a fim de evitar situações desagradáveis. Sendo assim, o conhecimento é uma experiência disponibilizada para outras pessoas. Mas, que tipo de conhecimento é esse, necessário para a prática? “*É importante saber improvisar*” (entrevista – *mountain bike*). Improvisar nada mais é do que requisitar determinados conhecimentos de forma a investi-los de algo novo, reconstruí-los em diferentes situações; e é nesse momento que é possível constatar uma aprendizagem.

A aprendizagem é corporal e o conhecimento está fundado na experiência. A facilidade em aprender algo do que se tem conhecimento similar é justificada pela possibilidade de atualização da experiência. No movimento humano, o passado recuperado não representa apenas uma transferência, sempre estará investido de algo novo. Neste caminho, “*o homem é a medida em sentido literal, o corpo humano é a medida de direção, localização e distância*” (TUAN, 1983, p. 50).

O tempo é então um fator fundamental na aquisição do conhecimento para a realização de determinadas atividades. Tempo, neste sentido, é dedicação. Não é o tempo do relógio, mas o tempo de convívio com a atividade, o tempo

como espaço corporalizado. Se é importante a prática para qualificar a execução, não é porque a repetição do gesto torne-o matematicamente infalível e elimine imprevistos, mas porque o conhecimento necessário é um conhecimento que precisa ser vivenciado e a diversidade de experiências potencializa para a ação.

A importância dada ao conhecer o *clima*, ou o *tempo*, como é encontrado em muitos relatos, indica não só uma relação direta com as forças da natureza, a percepção do meio, mas também o caráter criativo de um mundo em constante transformação. Para conhecer o *tempo* não bastam os conceitos; é preciso ter experiência suficiente para sentir, ou mesmo pressentir, intuir as modificações de vento, temperatura, maré, por exemplo, e reagir, re-criar a partir deste pressentimento. A aprendizagem, então, não se dá na confirmação de um passado, mas na projeção de um futuro.

[...] o risco está não tanto nos outros itens mas no fator de você exagerar, não avaliar direito, tem que ter um conhecimento de si por causa disso, ninguém vai lá a moda miguelão [...] (entrevista -parapente).

Conhecer a si próprio é reconhecer-se como agente da ação. É possível verificar o reconhecimento de que o conhecimento é originariamente corporal, que se transcende na experiência, na nossa capacidade particular de avaliação. É o corpo que mantém os dados e a partir deles recria sua existência continuamente.

Em certo sentido, suspeito que por meio destas atividades (não apenas nestas, mas por terem sido o objeto deste estudo) o praticante seja levado a redescobrir sua corporeidade como instância primeira do sentido. E é por isso que em seus relatos se refiram a uma sensação de liberdade, que nada mais é senão a retomada do poder expressivo do corpo próprio. Como diz Merleau-Ponty (1994), o corpo é comparável muito antes a uma obra de arte do que ao objeto físico, a máquinas (como nos acostumamos em nossos estudos de fisiologia):

Um romance, um poema, um quadro, uma peça musical são indivíduos, quer dizer, seres em que não se pode distinguir a expressão do expresso, cujo sentido só é acessível por um contato direto, e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial. É nesse sentido que nosso corpo é comparável à obra de arte. Ele é um nó de significações vivas e não a lei de um certo número de termos co-variantes (p. 210).

Aprendemos com o corpo, mas não um corpo instrumental, e sim com o corpo que somos e que constrói o mundo a cada momento. Um corpo que flui no tempo e que se abre para um horizonte de possibilidades.

## A experiência da percepção na construção do conhecimento

[...] Agora tu me pegou...é uma caminhada, ótima, maravilhosa, no meio do mato normalmente, buscando cachoeiras se possível, é... de várias intensidades, com bastante subidas e descidas... exige uma certa preparação, bastante cuidado, é uma coisa maravilhosa, difícil até de falar porque é uma coisa tão...interativa com a pessoa que para te descrever fica meio difícil, eu acho bem difícil, não sei te dizer [...]"(entrevista – trekking)

Quais as características da atividade de aventura na natureza que você pratica? Aparentemente, esta parece ser uma pergunta simples, no entanto boa parte das respostas iniciam com longas reticências.

Esse momento de hesitação não significa a incompreensão da pergunta, pois se trata de um questionamento simples e nenhum dos entrevistados se manifestou nesse sentido; tampouco indica que eles não saibam o que é a atividade, pois a estavam praticando e nenhum dos entrevistados tinha menos de um ano de experiência. Esta dificuldade em encontrar palavras é, provavelmente, o óbvio: não existem palavras suficientemente boas. Mas por quê? Porque talvez, neste caso, se esteja tratando de atividades que antes de mais nada são vivenciadas e não refletidas. Essa mesma hesitação aparece na pergunta “Como você se sente enquanto está praticando?”

Não tem como descrever, acho que você tem que ir lá para ver, não dá, e eu diria que seria um crime se tentasse, é uma situação muito peculiar, muito diferente,[...] não é à toa que faz 20 anos... isso é muito gostoso [...]"(entrevista -windsurf)

Merleau-Ponty (1994) sugere, em sua teoria da expressão, dois tipos de fala: aquela que ele denomina *fala falada* e a *fala falante*. A primeira diz respeito a “*pensamentos já constituídos e já expressos dos quais podemos lembrar-nos silenciosamente*” (p.249) e simplesmente evocá-los; são conceitos, formulações que não nos apresentam novidade. A segunda forma de expressão, a chamada *fala falante*, é aquela constituída pelo sujeito no mesmo momento do pensamento, não são palavras novas (ou podem até ser), mas novas formulações com os símbolos que fazem parte do universo de comunicação oral. A fala falante é aquela em que uso os gestos verbais para apresentar um pensamento que ainda não foi pensado. A significação ainda não está disponível; está sendo criada.

Ao que parece, neste caso, as reticências indicam o momento de formulação de uma idéia, o caráter originário da expressão. É muito diferente, por exemplo, de elaborações como “a atividade consiste em deslizar sobre as ondas”. É o encontrar palavras, símbolos, que melhor falem de uma experiência.

São conceitos que estão se construindo naquele momento. Trata-se da retomada de falas faladas para uma nova elaboração. Ao se apropriar destas falas, do mundo da cultura, as fazem falar de uma experiência corporal, ao adquirirem outro significado indicam um novo conhecimento que atualiza os conhecimentos anteriores, recrutados para esta experiência.

Então, o que vivo por meio do corpo, principalmente por ordem da percepção, e não da cultura, ou seja, o que ainda não é nomeado, já é uma forma de conhecimento, do mundo da percepção. É interessante observar também que a maioria das respostas que tentam caracterizar as atividades, buscam descrever justamente as sensações, e não os procedimentos ou equipamentos como poderia se esperar. É uma descrição centrada no que parece ser o mais importante para o praticante: as sensações. A percepção é um todo e o todo é o sentido, o significado. A linguagem (conceito) é posterior a esta experiência e é sobre esta experiência que ela fala. A própria fala diz muito mais do que um conjunto de palavras. A maneira como as frases são construídas, a opção por determinadas expressões em detrimento de outras, o tom de voz, as pausas, a movimentação corporal: todos se combinam de forma a construir um determinado significado.

Os praticantes parecem querer convencer o interlocutor a experimentar para que saiba do que estão falando. Se a linguagem é a própria experiência do pensamento, a palavra exprime muito mais do que um conceito, ela exprime uma significação existencial. Nela é preciso emprestar a própria existência. Um praticante, ao referir-se ao surfe, descreve: “*É uma sensação de êxtase...*” Êxtase (FERREIRA, 1996) é *arrebatamento íntimo, enlevo, arroubo, encanto*. Um momento íntimo é aquele que nos deixa vulneráveis, expostos “*à carícia e ao estímulo de nova experiência*” (TUAN, 1983, p.152)

Os depoimentos até então parecem reconhecer o corpo como agente de percepção, como agente do estar no mundo. Não são os conceitos que me mostram o mundo, mas minha vivência no mundo que torna possíveis os conceitos. A linguagem torna o vivido um objeto<sup>7</sup>, mas este objeto não teria sentido se não fosse vivido. “Nós nunca deixamos de viver no mundo da percepção, mas o ultrapassamos pelo pensamento crítico, a ponto de esquecer a contribuição que a percepção comporta à nossa idéia de verdade” (MERLEAU-PONTY citado por COELHO Jr. e CARMO, 1991, p. 47).

Antes da linguagem exercemos uma espécie de compreensão primitiva do mundo – revelando a mim como um “eu posso”, eu sou aquele que está investido de possibilidades, que independe do entendimento, um eu posso irrefletido, investido na ação. No mundo da vida<sup>8</sup>, na medida em que me locomovo, percebo e me dirijo ao outro; as coisas e os outros revelam-se como significações, antes da linguagem. A palavra (e toda palavra é também gesto) é uma forma tardia de existência, mas que arrasta consigo todas as outras.

### Aventura e percepção: contribuições para o processo de ensino-aprendizagem

A recorrência constante ao termo *adrenalina*, em muitos depoimentos, pode ser um exemplo do uso do que apresentamos anteriormente como uma *fala falada*, um recurso de fácil acesso para descrever algo do mundo da percepção, de difícil descrição. “Pô, ...*muita adrenalina assim, sei lá, muito...aquele lance de sentir o vento assim na cara é muito emocionante, sei lá, ...muito irado*” (*praticante de sandboard*).

Ao usarmos falas faladas por vezes esquecemos como estas se originaram, o quanto elas dizem respeito a algo vivido, correndo o risco de nos perdermos em um mundo de conceitos como se estes nos indicassem os caminhos da vida, quando o caminho se elabora na relação que estabelecemos com este mundo vivido. A vida é anterior aos conceitos e é em relação a ela que eles falam. A tentativa aqui é destacar o combate de Merleau-Ponty ao pensamento de sobrevôo (especialmente na produção acadêmica), “para ele, o pensamento de sobrevôo é aquele que nega o enraizamento do homem no mundo e acredita poder configurar-se como um pensamento de fora, distanciado, que paira sobre o mundo”(COELHO Jr. e CARMO, 1991, p. 12).

O mergulhador descreve o mergulho como o acesso a outro mundo, muito diferente, estranho, que pode trazer “belas surpresas”. “*O mundo não é aquilo que eu penso; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável*”. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 14) O que significa descobrir o mundo: é incorporá-lo, integrá-lo ao corpo. Corpo, de acordo com o mesmo autor, não é o corpo naturalista, fechado no espaço, mas sim uma compartimentação temporal do espaço, ou seja, permite que o espaço seja uma unidade de sentido. O espaço flui no tempo através do corpo. A história, então, é o tempo que continua disponível, que uma fala falada pode retomar.

O que é espacial decai num horizonte temporal, permitindo uma nova espacialidade da qual a anterior é agora o horizonte. O mergulhador carrega com ele a caverna e todas as suas experiências.

Para as experiências do mundo da percepção não há resumo, o mesmo conhecimento precisa ser reconstruído integralmente. O praticante diz ser impossível descrever a sensação pois a cada prática ela pode ser diferente, mas isso é porque a percepção é subjetiva? Não, pois é possível mesmo assim encontrar uma unidade, o ser unifica as percepções, mas elas ocorrem no público, no contexto, no convívio. As descrições são diferentes pois a própria experiência assim o é, a atividade não se repete, ela se reconstrói.

Isto permite compreender a riqueza de possibilidades que se apresentam a cada momento. Porém, como falava anteriormente, esta riqueza pode ser ignorada pela supervalorização do conhecimento sedimentado: palavras, conceitos, pensamentos. O que acontece, muitas vezes, durante a prática de esportes convencionais<sup>9</sup>, por exemplo.

[...] todos somos protegidos uns dos outros por nossas referências. [...] Seguindo essas referências, deixamos o conceito engolir o objeto de percepção e, dessa maneira, invertemos o processo de revelação, e destarte, defendemo-nos da experiência. (CAMPBELL, 1997, p. 216).

Em algumas experiências, embora o praticante esteja estabelecendo inúmeras relações, o foco de atenção e toda a confiança estão em alguns conceitos – saúde, rendimento, técnica. Por outro lado, atividades como surfe, escalada, trekking, de acordo com a forma como são construídas, ainda conseguem representar o novo, o inesperado. Como um surfista sabe escolher a melhor onda, ou o momento em que deve ficar em pé na prancha, ou executar determinadas manobras? Com certeza ainda não dispõe de instrumentos que forneçam estas informações eletronicamente, combinando condições do vento, ondulação, velocidade das ondas, distância da praia, obstáculos do percurso, peso do corpo, formato da prancha e outras mais. Este é um tipo de conhecimento, anterior aos conceitos, assumidamente corporal. Além disso, há uma diferença nos objetivos perseguidos por estas atividades em relação aos esportes convencionais. Neste último caso, normalmente o objetivo final é o mais importante, seja uma determinada marca, técnica ou padrões de comparação, normalmente pré-estabelecidos.

No caso das atividades de aventura na natureza, por mais que exista um objetivo - executar determinada manobra, por exemplo - na maioria das vezes confundem-se fins e meios. Ou seja, o mais importante deixa de ser chegar ao fim da trilha, mas percorrê-la. Difícil resumir uma “surfada”, ou um salto de parapente, em números, ou mesmo conceitos; ou, ainda, antecipar exatamente o que (e como) vai acontecer. O importante não é terminar mais rápido, mas conviver<sup>10</sup> por mais tempo. A qualidade está nas relações estabelecidas – de onde encontramos os conceitos de harmonia e equilíbrio sempre citados em trabalhos referentes a tais atividades<sup>11</sup>.

Podemos evidenciar diferentes formas de relação com o meio quando são contrastados, por exemplo, atletas que nadam vestindo maiôs especiais para diminuir o atrito da pele com a água e em piscinas construídas de forma a evitar marolas; e, por outro lado, velejadores de windsurf, que negociam com a instabilidade do vento. Neste último caso está justamente na instabilidade do ambiente a “graça” da atividade; não é o estar em equilíbrio, mas a busca constante por ele em uma eterna re-aprendizagem. A diferença entre estes dois exemplos não está essencialmente na atividade, natação ou windsurf, mas na maneira como cada uma é vivenciada.

Percorrendo uma trilha, sem a preocupação com uma execução “correta” de movimentos, cada momento pode-se perceber um mundo diferente, transpondo obstáculos das mais variadas maneiras. É possível então conceder

### **Aventura e percepção: contribuições para o processo de ensino-aprendizagem**

espaço ao equívoco na produção do saber; que não é o *erro* mas o que dá margem à suspeita, que se presta a mais de uma interpretação. O equívoco pode levar à uma nova produção, quando não se trata de um fechamento, mas de uma abertura. Situações inusitadas exigem a todo momento novas criações sob a forma de adaptação. Experienciam-se situações das quais temos poucas referências conceituais, o que pode permitir a liberdade de *ouvir* e *ver* com todos os sentidos, ou melhor, com todo o corpo. Talvez aí resida a dificuldade de descrição destas experiências. Cada pessoa que “pega uma onda”, mesmo sendo aparentemente a mesma atividade, a descreve de forma diferente, no reconhecimento da percepção como uma relação.

[...] O olhar obtém mais ou menos das coisas segundo a maneira pela qual ele as interroga, pela qual ele desliza ou se apóia nelas. Aprender a ver as cores é adquirir um certo estilo de visão, um novo uso do corpo próprio, é enriquecer e reorganizar o esquema corporal (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 212).

### **Aventura e aprendizagem**

Mas afinal, qual a relação entre estas reflexões advindas de um estudo sobre esportes de aventura e o processo de ensino-aprendizagem? Segundo Marques (1993), educação é “*o alargamento do horizonte cultural, relacional e expressivo, na dinâmica das experiências vividas e na totalidade da aprendizagem da humanidade pelos homens. Nela, pessoas e grupos com experiências diversificadas confrontam-se no diálogo aventuroso da aprendizagem coletiva*”(p. 108). Ora, se aprendizagem não significa repetição, mas a capacidade de atualização de determinados conhecimentos, instituídos culturalmente<sup>12</sup>, por que sobram críticas a um caráter meramente reprodutivo (sem significado) dos conhecimentos elaborados na escola? Talvez falem, nesta instituição, vivências que permitam justamente reconhecer que os conhecimentos estão fundados na experiência. Não estarei aqui defendendo a utilização de esportes de aventura na escola (embora também o faça em outro momento), mas sim pressupondo que talvez seja possível investir algumas experiências realizadas na escola com o caráter da aventura (do latim *adventura*: coisas que estão por vir). Ou ainda, sugerindo que seja possível reconhecer, em alguns momentos, o caráter expressivo do corpo próprio na experimentação de todo e qualquer conteúdo da Educação Física. Se é no movimento que nos atualizamos, fluímos no tempo, construímos significações, nada mais provável que a Educação Física escolar seja um espaço precioso para recuperar o lugar da experiência na construção do sentido, reconhecendo o corpo como originário do contato efetivo com o mundo. A partir de então o conhecimento, principalmente o científico, deixa de adquirir o status mitológico, que contraditoriamente, assume em muitos momentos.

Provavelmente o mérito das atividades físicas de aventura na natureza,

consideradas neste estudo mas não necessariamente apenas estas, reside no fato de nos permitirem *perceber* como *percebemos* (como é o nosso perceber), ou, quem somos e que mundo é este, por nós mesmos. Não é a descrença aos conceitos, à cultura, à história. É o reconhecimento de que estes são posteriores ao mundo, de que são construções humanas. É o reconhecimento do mundo em nós. Talvez a melhor contribuição de qualquer situação de aprendizagem não é necessariamente o conteúdo envolvido, mas o quanto podemos aprender sobre nós mesmos.

A constante referência à *liberdade*, por ocasião da descrição de atividades de aventura, indica provavelmente que o praticante está percebendo aí a sua capacidade de constituir fenômenos, de construir, de partir de um dado e investi-lo de algo que antes não possuía. Trata-se de um momento em que, como na obra de arte, o criador está todo ali, implicado. A expressão está no excesso, na transcendência<sup>13</sup> do passado, na atualização da experiência corporal. O momento da criação exige, além ou aquém de todos os elementos histórico-culturais que constituem o ser, uma entrega à experiência, só é possível criar (arte) a partir do que não se sabe de si mesmo. Trata-se, então, não de refutar a cultura, de descartar a técnica<sup>14</sup> mas reconhecer seu espaço.

Se no senso-comum distinguimos a arte como criação em oposição à técnica como repetição, em sua origem a palavra arte vem do latim *ars* e corresponde ao termo grego *techne*, técnica (o que é ordenado ou toda espécie de atividade humana submetida a regras). “*Seu campo semântico se define por oposição ao acaso, ao espontâneo e ao natural. Por isso, em sentido mais geral, arte é um conjunto de regras para dirigir uma atividade humana qualquer*” (CHAUI, 1997, p. 317). As classificações das técnicas ou artes seguirão um padrão determinado pela sociedade em seus diferentes momentos históricos. Foi no século XVIII que a distinção entre artes da utilidade e artes da beleza acarretou uma separação entre técnica (útil) e arte (belo), entretanto, no século XX, as artes passaram a ser concebidas como trabalho de expressão e mostram que, desde que surgiram foram inseparáveis da ciência e da técnica. “*As artes não ocultam as relações com a ciência e com a técnica, mas buscam nelas respostas e soluções para problemas artísticos.*” (CHAUI, 1997, p. 319)

Onde poderá estar então a *liberdade* nas atividades físicas? No momento em que atualizamos nossa existência, por meio de vivências constituídas a partir de nosso horizonte histórico, no *estar inteiro* na atividade. A liberdade não está necessariamente associada à falta de regras, ou à utilização ou não de determinadas técnicas, mas na percepção do que elas nos possibilitam. A criação está, não em alguma iluminação misteriosa, mas no como nos entregamos à atividade, na pré-disposição à aventura (quando se lança ao inesperado), quando avançamos além do que não conhecemos de nós mesmos.

Os gestos esportivos, por exemplo, não estão condenados a eterna

### **Aventura e percepção: contribuições para o processo de ensino-aprendizagem**

repetição, mas podem ser constantemente retomados para novas criações. Não desconsiderando as contradições suscitadas pela presença do esporte como conteúdo central da Educação Física escolar<sup>15</sup> sugere-se um olhar sobre esta realidade que encaminhe não para novas questões, mas para algo que talvez esteja esquecido, suprimido. A experiência de mundo traz para a atualidade uma expectativa, mas não a determina. Se, como dito anteriormente, nós somos este movimento de constante transformação, uma constante criação, a qual é exigida na experiência do mundo, devemos reconhecer que determinada cultura, ou o domínio de determinadas técnicas não nos limita a elas, mas nos potencializa a um algo mais, que é nossa própria expressão, manifestação da aprendizagem.

### **Considerações finais**

Reconheço que, o que se indicou a pensar, e se faz agora presente neste artigo, talvez não tenha se mostrado tão claro como pretendia, mas resulta novamente em novas indicações à experiência do pensamento.

A pretensão, portanto, com este trabalho, é ter iniciado algumas reflexões sobre a possibilidade de revermos a nossa existência como seres com a capacidade de espantar-se com o mundo, maravilhar-se, encantar-se. Espantar-se no sentido de entender que formamos com o mundo um único todo, constante, porém criativo. Este potencial para o conhecimento e criatividade é que nos faz vivos, não apenas como um acontecimento biológico, mas como significação.

Talvez seja uma boa alternativa de orientação para os processos de ensino-aprendizagem na Educação Física apresentar-se como possibilidade de vivência de experiências que revelem o poder expressivo do corpo próprio, experiências que a cada dia tornam-se menos freqüentes. Estas experiências não estão nos esportes de aventura ou em qualquer outra atividade, nem estão retidas no sujeito, mas nas relações que se estabelecem, na maneira pela qual o sujeito abandona a subjetividade e se faz mundo.

### **Referências**

BASSANI, J. J.; D. TORRI; VAZ, A. F. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambigüidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89-112, 2003.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, Ano VI, n. 12, p. XIV-XXIV, 2000/2001.

CAMPBELL, J. **O vôo do pássaro selvagem**: ensaios sobre a universalidade dos mitos. Tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.

Ana C. Zimmermann

COELHO Jr., N.; CARMO, P. S. **Merleau-Ponty: filosofia como corpo e existência.** São Paulo: Escuta, 1991.

FERREIRA, A.B.H. **Novo dicionário aurélio da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

KUNZ, E. **Didática da educação física 2.** Ijuí: Unijuí, 2001.

\_\_\_\_\_. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. **Revista Movimento**, ano VI, n. 12, p. I-XIII, 2000/2001.

MARQUES, M. O. **Conhecimento e modernidade em reconstrução.** Ijuí: Unijuí, 1993.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MINAYO, M.C.S.M.(Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1995.

PATRÍCIO, M.Z. Qualidade de vida do ser humano na perspectiva de novos paradigmas: possibilidades éticas e estéticas nas interações ser humano-natureza-cotidiano-sociedade. In: PATRÍCIO, M.Z.; CASAGRANDE, J. L.; ARAÚJO, M.F. de (Orgs.). **Qualidade de vida do trabalhador.** Florianópolis: Ed. do Autor, 1999. p. 19-91.

SANTOS, F. C. **Controle e contrato: duas formas de relação com a alteridade.** Educação, Subjetividade e Poder, v. 4, n. 4, p. 9-15, 1997.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Diefel, 1983.

## Notas

<sup>1</sup> A Fenomenologia propõe-se a resgatar o lugar da experiência na construção do sentido, reconhecendo o corpo como originário do contato efetivo com o mundo. A descrição fenomenológica de corpo abre a possibilidade uma ontologia que reconhece no envolvimento do corpo com aquilo que o cerca a importância da experiência na constituição dos fenômenos. “*É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer*” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 1).

<sup>2</sup> Aderir cegamente a uma doutrina (DICIONÁRIO AURÉLIO, 1986, p. 756).

<sup>3</sup> Este tema é abordado também em “Práticas Didáticas para um Conhecimento de Si de Crianças e Jovens na Educação Física” (KUNZ, 2001).

<sup>4</sup> De acordo com Tuan (1983) : “experienciar é vencer os perigos. A palavra ‘experiência’ provém da mesma raiz latina (per) de ‘experimento’, ‘experto’ e ‘perigoso’. Para experienciar no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto.” (p.10)

<sup>5</sup> Este termo está sendo usado em referência ao “desencantamento do mundo”, fruto da fé cega

## **Aventura e percepção: contribuições para o processo de ensino-aprendizagem**

e inabalável nos pressupostos da ciência, sugerido pela modernidade.

<sup>6</sup> A fenomenologia é um campo aberto de investigação. Ela nos ensina como redescobrir as coisas encobertas pela teorização excessiva e abstrata. O que penso ser possível a partir de algumas manifestações no esporte. (KUNZ, 2000, p.V)

<sup>7</sup> Objeto: “do lat. *objectu*, part. de *objicere*, lançar diante” (p.1208), algo que lançamos para a frente, que pode ser retomado.

<sup>8</sup> Conjunto de compreensões constituídas no âmbito da experiência corporal.

<sup>9</sup> Refiro-me ao voleibol, futebol, atletismo, por exemplo; normalmente centrados em padrões de rendimento.

<sup>10</sup> “viver em comum com outrem em intimidade, em familiaridade”. (FERREIRA, 1986, p.472)

<sup>11</sup> Santos, F.C. (1997) aborda este assunto apresentando a oposição entre as práticas *hard* – desenvolvidas em superfícies rugosas, rígidas e quase sempre planas onde é dominante uma relação energética (otimização do rendimento e maximização de resultados)- e os esportes *soft* – superfícies lisas, sempre fluídas e onduladas.

<sup>12</sup> Entenda-se *cultura* não por aquilo que nos estabelece limites e sugere repetição, mas “a relação que os humanos, socialmente organizados, estabelecem com o tempo e com o espaço, com os outros humanos e com a Natureza, relações que se transformam e variam” (CHAUÍ, 1997, p.293).

<sup>13</sup> *Assumir uma nova atualidade, fluir no tempo.*

<sup>14</sup> Bracht (2000) destaca o “equivoco/mal-entendido” sobre a presença da técnica nas aulas de Educação Física.

<sup>15</sup> Consultar, entre outros, Bassani, Torri & Vaz (2003).

## **Correspondência**

**Ana Cristina Zimmermann** - Dr. Abel Capela 135 apt. 304 - Coqueiros -88080-250 - Florianópolis - SC.

E-mail: [anacristinaz@click21.com.br](mailto:anacristinaz@click21.com.br)

Recebido em 20 de agosto de 2005

Aprovado em 15 de maio de 2006